



***Soferet*: mulheres que escrevem o sagrado**

Denise Cristina Campos* entrevista Rachel Reichardt**

Denise – Como foi o desenvolvimento da sua relação com o judaísmo e como você percebia e percebe o lugar da mulher nesse contexto?

Rachel – Bom, é um pouco a história da minha vida. Minha relação com o judaísmo veio de berço, eu venho de uma casa judia. Minha mãe nasceu no Brasil, meus avós (maternos) são emigrantes e meu pai migrou para o Brasil no período da Segunda Guerra Mundial, nos anos 1940. Meus pais se casaram em São Paulo e eu e meus irmãos tivemos uma educação judaica, em uma escola judaica. Nossa educação judaica foi bem tradicional. Eu sempre gostei da questão ritualística, mais do que meus irmãos, também do estudo. Durante alguns anos eu parti para uma prática ortodoxa, no período da minha faculdade e um pouco depois eu me identificava com práticas ortodoxas. Então, a questão das leis, da prática e da mulher, para mim, tinham uma visão bastante diferenciada da prática que eu tenho hoje. Ao longo da nossa caminhada, a vida nos leva a questionar as nossas práticas.

O judaísmo tem várias vertentes, como o meu pai veio da Itália e, nesse país, o judaísmo é muito peculiar em seus costumes e tradições, minha avó e minha bisavó sempre trabalharam e estudaram, elas eram mulheres muito fortes, com muitas opiniões e com muita prática. Minha avó nasceu em 1902, quando ela chegou como imigrante no Brasil, ela continuou a profissão que exercia na Itália, onde fez faculdade de contabilidade. Na minha família não havia a ideia de uma mulher submissa restrita ao marido, à casa, ao lar e à cozinha. Esse estereótipo não fez parte da educação que eu tive, mesmo em escolas ortodoxas. Quando eu entro no mundo religioso, apesar de eu já ser fascinada pela dinâmica dos rituais e pelas leis, as restrições em relação à mulher não faziam sentido em razão da prática que eu via na minha casa. Quando eu

** Mestranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais.

** Graduada em comunicação visual pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), São Paulo, e credenciada como *soferet* stam (escriba de manuscritos sagrados do judaísmo) pelo Seminário Rabínico Latino-Americano de Buenos Aires, Argentina. Estudou caligrafia judaica no Instituto Pardes, em Jerusalém, onde escreveu o seu primeiro pergaminho, o *Rolo de Esther*. Estudou Educação Judaica, no Melton Centre, na Universidade Hebraica de Jerusalém, em Israel. Participou do projeto da primeira Torá escrita por mulheres no mundo (www.womenstorah.com), e é a única mulher neste ofício na América Latina. Trabalhou na Congregação Judaica do Brasil, junto ao rabino Nilton Bonder, lecionando e coordenando grupo de estudos para mulheres. Em São Paulo, trabalha na Comunidade Shalom, coordenando o departamento de ensino de jovens, além de lecionar cursos de Torá para adultos, mística e ética judaica.



tento conciliar esses dois mundos, surgem várias questões e, nesse momento, não havia no Brasil comunidades com práticas do judaísmo que eu vivencio hoje, que é o judaísmo conservador. Nesse período existia apenas o reformismo e a ortodoxia. Como eu estava ligada à ortodoxia, para mim existia o branco ou o preto, o certo ou o errado. Mas eu acredito que Deus é bom e meus caminhos me levaram a estudar fora do Brasil. Eu passei um período em Israel, um período nos Estados Unidos e outro período no Canadá e, com isso, eu entrei em contato com linhas judaicas como o reconstrucionismo, o conservadorismo e eu conheci rabinos muitos sérios e muito bacanas, com os quais eu comecei a conversar e a vivenciar outras sinagogas e outras comunidades.

Quando eu voltei para o Brasil em 1985-1986, eu comecei a trabalhar no Rio de Janeiro, onde encontrei o rabino Nilton Bonder, que também voltava de outras experiências e estava começando uma comunidade pequena com uma proposta de judaísmo que não existia no Brasil há época. Eu me uni à comunidade do rabino e começamos a primeira comunidade judaica conservadora no Rio de Janeiro, que se chama CJB e existe até hoje. Nesse contexto, nós começamos a estudar o papel da mulher, nós tínhamos vários grupos que se reuniam semanalmente, com várias pessoas que também tinham experiências de estudo no exterior. Com isso, os papéis rituais da mulher no judaísmo são discutidos nesses grupos e se espalham para outras sinagogas, como em São Paulo. O primeiro grupo de estudos, então, começa nessa comunidade no Rio, sob a supervisão do rabino Bonder, que nos abre as portas para os rituais acontecerem na comunidade.

Denise – Como surgiu o seu interesse pelo ofício de escriba?

Rachel – Na comunidade do rabino Nilton Bonder, ele trouxe o mestre dele, o rabino Zalman Schachter, que veio algumas vezes ao Brasil para nos inspirar. Na quarta vez que esse rabino veio ao Brasil, ele disse que a comunidade já estava bastante empoderada e que estava na hora de as pessoas da comunidade tomarem a frente no judaísmo brasileiro e que não havia mais a necessidade de ele retornar para inspirar as pessoas. Após essa fala, ele pede ao rabino Bonder para indicar as pessoas da comunidade que tinham potencial de liderança para reuni-las para uma conversa. O rabino indicou as pessoas, aproximadamente 12 jovens, que se reuniram com o rabino Zalman. Na sala, o rabino nos conduziu a um momento de meditação e, quando acabou esse período de meditação, ele perguntou a cada pessoa “Que papel você quer assumir na liderança da comunidade judaica brasileira?” Cada pessoa deu a sua resposta, uma pessoa disse que se viu, na meditação, como rabino, então, o rabino Zalman deu a benção para essa pessoa, outra pessoa disse que se via como cantor de sinagoga, então o rabino deu a benção para essa pessoa, outra pessoa disse que se via como a pessoa responsável pela circuncisão das crianças, então o rabino deu a benção para essa pessoa. Após cada pessoa falar da sua vocação, o rabino deu uma benção para cada pessoa. Hoje, vinte anos depois, a gente vê que as pessoas que estavam ali,



com rara exceção, realmente seguiram o caminho que haviam falado. Quando chegou a minha vez, eu que já era professora de hebraico, já tinha uma forte ligação com letras, falei que gostaria de ser escriba. Então, o rabino olhou para mim e disse “Ahamm...” e não me deu a benção, porque não existiam mulheres escribas. E eu, que sou teimosa, a partir disso falei “agora é que eu vou ser escriba mesmo”, isso foi em 1994. A partir daí eu comecei a estudar de forma autodidata para o ofício de escriba e eu ficava me questionando “Por que ele não me deu a benção? Por que ele não acreditou em mim?”. No ano 2000 eu consegui ir para Jerusalém e iniciei formalmente os meus estudos, depois de quatro anos de estudos eu consegui me formar. Então levou dez anos para eu conseguir a formação de 1994 a 2004.

Antes de tudo isso, em 1981, eu fiz uma viagem para o Cairo e no museu do Cairo, nas salas dos sarcófagos, com toda aquela riqueza maravilhosa, tudo enorme e lindo, tinha naquela sala uma pequena escultura de, no máximo 25 centímetros de altura, com os olhos característicos de egípcio e, aonde eu ia na sala, eu tinha a impressão de que aquela escultura estava olhando para mim. Eu cheguei mais perto para ver e estava escrito “O escriba”, então eu tive um choque e pensei “Tudo o que a gente sabe dessa civilização, dos reis e dos deuses que estão aqui, a gente sabe porque essa pessoinha, em um cantinho, olhava tudo e anotava.” A gente só sabe dessa história, porque esse “semi-insignificante” estava anotando tudo. Naquele momento ficou marcado para mim a importância da função do escriba, talvez mais do que o rei, pois o que não está escrito não existe. Então, eu fiquei pensando, “quem é mais importante o faraó ou o escriba? Quem faz ou quem escreve?” Então, quando a gente vai para o sagrado, a gente vê essa interrelação entre Deus, que é grande, e o escriba, que é pequeno. Nesse momento, a figura do escriba ficou muito forte para mim e depois da meditação eu tive certeza de que era isso que eu queria.

Denise – Como foi o seu processo de formação até a certificação e a realização de trabalhos manuscritos?

Rachel – Eu comecei a descobrir que eu queria ser escriba em 1994, no Rio de Janeiro, eu não tinha computador, não tinha acesso às bibliotecas digitais que temos hoje. Eu já sabia hebraico e inglês e tinha acesso a poucas bibliotecas. Não havia nada sobre o assunto em português, havia pouca coisa em inglês. Então, para iniciar o aprendizado eu comecei a ler todo o material ao qual eu tinha acesso, sobre as letras e as leis, eu não tinha professor e estudei de forma autodidata. Quando eu cheguei em Jerusalém no ano 2000 para fazer um Mestrado em Educação Judaica, eu tive acesso a um professor que começaria um curso de caligrafia judaica, eu questionei se era para escrever convites e ele disse que não, que poderia ser para o que eu quisesse. Com esse professor eu aprendi a parte prática sobre pergaminho e pena, o professor viu que eu era dedicada, eu ficava três horas por dia treinando, além do período da faculdade, dedicando mais à caligrafia do que às matérias de educação da faculdade, e ele me ensinou a caligrafia, mas não me ensinou a escrever o nome sagrado, porque mulheres



não podem escrevê-lo e ele era judeu ortodoxo. Então, eu aprendi tudo o que eu pude e comprei os livros que me faltavam. Nesse período, já tinha acesso a computador, mesmo que ainda não havia muitos sites, mas eu consegui avançar muito na minha formação. A parte do sagrado que o professor não quis me ensinar eu estudei sozinha e aprendi pelos livros.

Depois de terminar minha formação, eu fui para o Canadá trabalhar e lá eu consegui uma autorização, em um processo informal de tribunal rabínico para escrever pergaminho sagrado. Com essa autorização em mãos, eu voltei para o Brasil e falei com o rabino que eu havia conseguido a autorização para escrever pergaminho sagrado. O rabino disse “Muito Legal, muito bacana, Parabéns! Mas você percebe que você é a primeira mulher no mundo que tem isso? E que a gente está aqui no Rio de Janeiro, eu acredito e confio em você, mas isso é o máximo. Eu não vou ser o rabino, no mundo, que vai bancar isso, essa é a sua luta, não é a minha, eu já tenho muitas questões, mas essa é muito grande para mim.” Eu entendi o que ele disse e continuamos amigos. Depois disso, teve um congresso judaico sul-americano com formação rabínica e, pela primeira vez, formaram-se rabinos e rabinas brasileiros pelo Seminário Sul-americano. Minha mãe costuma dizer que todo dia que eu acordo eu pergunto “qual a encrenca boa para o dia?”. Nesse evento, então, eu questionei se a comunidade seria feita apenas de rabinos, se também não seria necessário formar professores, leitores, pessoas que preparam os animais *kasher*, e escribas. Então eu disse que eu não comemoraria nada enquanto a cadeia não estivesse completa. Depois disso, me perguntaram o que eu queria, eu respondi “eu quero, por exemplo, a minha certificação, para começar, e quero financiamento para treinar professores que não recebem salário.” Passados três ou quatro meses, chegou no meu e-mail a divulgação de um curso para escribas. Eu respondi ao e-mail questionando se caso eu fizesse a minha inscrição eles dariam certificado para mulheres. Dois meses depois do meu questionamento, eles responderam que dariam o certificado para mulheres. Acontece que o curso aconteceria toda sexta-feira de manhã em Buenos Aires, como eu iria participar? Eu avisei no meu trabalho que eu não poderia trabalhar às sextas-feiras e que eu iria para Buenos Aires toda sexta-feira durante um ano. Eu não ganhava o suficiente para isso, mas eu falei “não tem problema, eu vou contrabandear alfajor, vou vender meu carro, voltar a morar na casa da minha mãe, mas eu vou fazer esse curso”. Eu me inscrevi para o curso. Quando você está no caminho certo, as coisas acontecem... Eu consegui fazer o curso, com a ajuda de um patrocinador. Eu fiz o curso passando dez dias em Buenos Aires, para cumprir a carga horária do primeiro semestre, depois, eu passei mais dez dias e cumpri a carga horária do segundo semestre. Em 2004 eu consegui o certificado de escriba. Na época, outras três mulheres fizeram comigo o curso, mas como elas não têm confiança para atuar como escriba e nem a comunidade delas garantem essa confiança. Pelo que eu sei, eu sou a única que tem o certificado e atua como escriba. Há outras escribas mulheres que atuam, mas



possuem apenas a autorização informal, como a que eu havia recebido no Canadá em 2000.

Denise – Quais as dificuldades você encontrou nesse processo? E quais os desafios encontrados para a obtenção de material para a escrita de pergaminho?

Rachel – A dificuldade que a gente encontra é que o material não tem no Brasil. O recurso mais importante para conseguir o material é o dinheiro, então, eu deixo de comprar roupas, por exemplo, para comprar materiais de trabalho. Com o dinheiro em mãos, eu encontro alguém que esteja indo para Israel ou para os Estados Unidos, o que não é difícil, pois eu trabalho em uma comunidade judaica e conheço muitas pessoas, e peço para trazer. Meus amigos sabem que isso é a minha paixão, a minha riqueza são meus amigos, e eles nunca se recusaram a trazer o material para mim. O material é leve, isso facilita o transporte. Antes, conseguir esse material era mais difícil, pois era um mundo muito fechado. Agora, os fornecedores já têm site e eu consigo, também, comprar online. A compra online fica um pouco mais cara, por causa da tributação, mas se eu precisar, eu consigo comprar pelo site. No curso de escriba eu aprendi a fazer o pergaminho, fazer a tinta, preparar a pena e todo o material necessário. Isso porque o escriba deve ser autossuficiente, como eram os escribas há 2500 anos, antes mesmo do período do exílio. A Linda, uma escriba de Saratoga que participou do projeto *Women's Torah*, está escrevendo uma Torá e ela faz tudo desde o começo, ela recebe o coró da caça e prepara a pele para escrever uma Torá, tira o pelo, estica e dá uma destinação sagrada para o coró. Ela também ensina os alunos como fazer esse processo, como faz a linha e tudo. Mesmo tendo aprendido o processo, eu prefiro comprar o pergaminho pronto, porque eu não tenho tempo e sai mais barato comprar pronto. Com a tinta é a mesma coisa, a gente tem que saber fazer até mesmo para saber comprar uma tinta de boa qualidade.

Denise – Como é a iniciação no processo de escrita de textos sagrados?

Rachel – Antes de qualquer pessoa escrever um texto sagrado, pede-se que ela escreva uma *Meguilat Ester*, porque não tem o nome de Deus e, com esse trabalho, as pessoas julgam a escrita, veem a letra. Muitas mulheres que fazem o curso e não escrevem Torá, acabam ficando com a escrita da *Meguilat*, que é um texto mais fácil de vender e aceita-se mais que mulheres façam a escrita desse texto. Na *Meguilat*, pode ter desenho, pintura e arte. Fora a Torá, escreve-se também *Mezuzah* e *Tefilin*.

Denise – No texto de Êxodo 19, a passagem “Assim dirás à casa de Jacó e falarás aos filhos de Israel” que tem uma aparente repetição é interpretada pelo *Midrash* como: primeiro Deus entrega a Torá às mulheres (casa de Jacó) e depois aos homens (filhos de Israel). Como você vê a relação entre esse texto e a proibição talmúdica de a mulher escrever o *Sêfer Torá*?

Rachel – Isso não me incomoda. A questão pra mim é entender em que momento e como isso aconteceu. Em vários momentos da história, não só do povo judeu, mas da



humanidade, as mulheres foram colocadas em situações em que elas poderiam, caso assumissem algumas funções, humilhar os homens. Isso aconteceu e a gente entende que foi em um contexto específico, o porquê e como aconteceu. Naqueles contextos, as mulheres foram proibidas de assumir lugares de liderança, porque isso seria malvisto para os judeus, “Ah, aquele povo precisa das mulheres para liderá-los...”. Essa proibição atingiu não só as mulheres, mas também as crianças e os escravos. A lei foi dada para todos, mas em algum momento da história, aconteceu algo e as mulheres, as crianças e os escravos não puderam mais participar da tradição de escriba. É importante entender esses contextos para também estabelecer a partir de quando esses grupos podem voltar a assumir as funções que *a prioria* também para eles. O problema é quando as proibições são tomadas como eternas, como acontece em algumas comunidades, não na minha.

Denise – Como você conheceu o projeto *Women’s Torah* e como foi participar desse projeto?

Rachel – Quando eu estava estudando em Jerusalém, com o professor de caligrafia, ele me falou sobre outra mulher a Shoshana Gugenheim. Eu não a conhecia, mas nós tínhamos amigos em comum. Algumas pessoas me falaram que ela tinha um sonho de escrever uma Torá que fosse escrita por cinco mulheres, uma de cada continente do mundo. O sonho dela é que o primeiro livro de Torá escrito por mulher, não fosse escrito apenas por ela, mas por várias pessoas. Quando eu consegui o certificado pela formação no Seminário Rabínico da Argentina, nesse momento já havia internet e computador, eu sonhei com a Shoshana e fiquei pensando “será que ela conseguiu escrever a Torá?” Então, eu comecei a procurar pelo nome dela na internet para ver o que ela estava fazendo, como estavam os projetos dela. Eu encontrei o nome dela no site da Kadima, em Seattle, com informações sobre o Projeto *Women’s Torah*. Então, eu escrevi uma mensagem para a Kadima me apresentando, falando que eu tenho um certificado de escriba emitido pelo Seminário Rabínico Latino-americano, e falando que eu gostaria de entrar em contato com a Shoshana. Meia hora depois de eu enviar a mensagem, a organizadora do projeto me respondeu, bastante impressionada com o fato de eu ter o certificado “Uau! Não acredito, quem é você?” Esse certificado acabou fortalecendo o Projeto *Women’s Torah*, porque o patrocinador do projeto não estava se sentindo confiante com o fato de as escribas terem apenas autorizações informais, pois isso colocava em dúvida a aceitação do *Sêfer Torá*. Com o certificado, tendo uma autorização de uma instituição rabínica, o patrocinador se sentiu mais seguro e, também, apareceram outras escribas de outros continentes que se juntaram ao projeto e ajudaram a viabilizá-lo. No momento em que eu entrei no projeto, tinha a Aviel, que estava começando a escrever e a Shoshana. A Shoshana, como mentora do projeto, começou a escrever Gênesis em Jerusalém, eu fiquei incumbida de escrever Êxodo e as outras escreveram os demais livros, conforme a ordem de chegada. O pergaminho da Aviel teve que ser inutilizado, por motivos técnicos, e teve que ser refeito.



Denise – Como foi recepção do *Sêfer Torá* produzido pelo projeto? Como a sua comunidade aqui no Brasil recebeu essa notícia?

Rachel – A comunidade que patrocinou o projeto estava presente no processo de costura e entrega do pergaminho. Todo o texto tem que ser costurado, porque tudo é vivo, o tendão do animal é a linha utilizada. Para poder envolver toda a comunidade, o processo de costura foi deixado para ser finalizado em conjunto. Os pergaminhos foram enviados para verificação, com tempo hábil para a verificação e ordenação dos textos, para depois ser iniciada a costura. Foi um momento em que todas as escribas se reuniram em Seattle, durante quatro dias, para participar desse processo. Durante esse período, nós fizemos palestras e aulas para a comunidade se envolver e juntamos grupos para que cada um pudesse se envolver no processo de costura. É um trabalho de vovozinha, de colcha de retalhos, você costura, ensina a costurar e conversa. Foi um momento gostoso de encontro da comunidade, a gente pode conversar, estudar e se envolver com aquilo que demorou dez anos para ser concluído. O projeto foi paralelo à minha comunidade aqui, foi um projeto meu. As pessoas souberam, alguns ficaram felizes por mim, na volta, eu contei e mostrei as fotos, mas não foi um festejo na sinagoga, mas entre os meus amigos, porque não foi um evento da minha comunidade.

Denise – Além das escribas que participaram do projeto, você conhece outras escribas que escrevem textos sagrados? Existe alguma associação de mulheres escribas?

Rachel – Na época no projeto não tínhamos muitas escribas, mas isso cresceu. Hoje, a Jen Taylor, tomou para si a tarefa de ensinar mulheres escribas. Como ninguém ensina para mulher e somente ela ensina, a gente tem um controle de quem são as escribas que estão se formando. Uma das dificuldades de ser escriba não é só estudar e saber escrever, ter letra bonita, mas é que a comunidade deve confiar em você para que você possa fazer o trabalho. Então, muitas pessoas que estudam e se formam acabam não querendo trabalhar com isso, porque não conseguem viver desse trabalho. A gente acaba sabendo quem são as escribas atuantes, a gente trabalha uma para a outra, se protege, estudamos juntas. Na América do Sul eu sou a única escriba. No hemisfério sul, na Nova Zelândia, há três anos, uma senhora de 73 anos se formou. Nos Estados Unidos, como tem a Jen e a Julie Seltzer, que foi aluna da Jen, que ensinam o ofício de escriba tem mais mulheres formadas. Mas muitas dessas mulheres não escrevem pergaminho da Torá, escrevem *Mezuzah* e *Ketubah*. A gente se conhece porque agora existe internet. O primeiro congresso de *Soferet* aconteceu na cozinha da Linda em Saratoga, com a presença de cinco mulheres, eu não pude ir. Depois, teve o segundo congresso em Woodstock e nós éramos nove mulheres. Depois, marcamos um outro em 2020, mas por causa da Covid não pudemos fazer, então, a gente se reuniu por Zoom. Hoje, a gente sabe que somos 22 escribas e há outras estudando, e a gente se reúne por WhatsApp e por Zoom. Temos a intenção de fazer um encontro em 2024, mas a gente ainda não sabe se vai conseguir. De qualquer forma, temos um grupo de



WhatsApp e a gente estuda juntas, troca informações. Não somos muitas e a gente se conhece porque nós mesmas treinamos a nós mesmas. Hoje a Jen está na Inglaterra, tem uma outra escriba na França. Na Europa, então, tem apenas essas duas. Tem outras três escribas em Israel tem duas no hemisfério sul, eu e a escriba da Nova Zelândia, e as outras estão nos Estados Unidos.

Denise – Você tem conhecimento de instituições que incentivem a inserção de mulheres no ofício de escriba?

Rachel – Eu tenho conhecimento de que nenhuma instituição faz isso.

Denise – Depois de finalizar a primeira *Sêfer Torá*, em um trabalho conjunto, como você tem desenvolvido o seu trabalho de escriba aqui no Brasil?

Rachel – Na minha comunidade, eu terminei uma restauração durante o período da Covid, e estou trabalhando na escrita de um novo livro, que vai ser o primeiro livro de Torá escrito por mulher na América Latina. Com isso, eu sou a sétima mulher no mundo a escrever, sozinha, um livro de Torá inteiro. Eu escrevo também, em trabalhos particulares, bastante *Mezuzah*.

Denise – Muito obrigada!

Recebido em: 29/09/2023.

Aprovado em: 12/10/2023.